



Eixo: Movimentos sociais e Serviço Social.

Sub-eixo: Movimentos sociais e lutas de classes - contexto nacional e internacional.

NOTAS SOBRE O PARTIDO POLÍTICO EM LENIN

CÉLIA BARBOSA DA SILVA PEREIRA¹

Resumo: O artigo tem como objetivo recuperar, em linhas gerais, as elaborações sobre partido político em Lenin, a fim de traçar alguns pressupostos teóricos que influenciaram a prática político-ideológica de parte significativa dos movimentos socialista e comunista durante todo o século XIX até hoje. Utiliza-se de uma revisão bibliográfica a partir de autores marxistas. Como resultado apresenta a sintonia entre as formulações leninistas sobre o partido político de vanguarda e as elaborações marx-engelsianas sobre o papel do partido revolucionário na luta da classe trabalhadora.

Palavras-chave: Partido político; vanguarda; Lenin.

Resumen: El artículo tiene como objetivo recuperar, en líneas generales, las elaboraciones sobre el partido político en Lenin, a fin de trazar algunos presupuestos teóricos que influenciaron la práctica político-ideológica de parte significativa de los movimientos socialista y comunista, durante todo el siglo XIX hasta hoy. Se utiliza de una revisión bibliográfica a partir de autores marxistas. Como resultado presenta la sintonía entre las formulaciones leninistas sobre el partido político de vanguardia y las elaboraciones marx-engelsianas sobre el papel del partido revolucionario en la lucha de la clase obrera.

Palabras clave: Partido político; vanguardia; Lenin.

1 INTRODUÇÃO

A origem do termo "partido" em substituição a "seita" e "facção", usados anteriormente, é conferido a Voltaire, que buscou denominar de forma mais qualificada a organização de um grupo social cujo objetivo fosse obter o comando político da sociedade. As palavras "seita" e "partido" derivadas do latim *secare* e *partire*, respectivamente, possuíam significados idênticos, separar, dividir. Entretanto, enquanto a primeira carregava uma conotação pejorativa, daí o termo sectarismo, a segunda, trazia uma representação de tomar parte, sendo associada à participação (BOGO, 2010, p. 11-12).

Segundo Duverger (1970), apesar da origem difusa, o termo "Partido", servia para denominar diferentes formas de associações² até o século XIX. Conforme o autor,

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: <celiabsp@gmail.com>.

² "Chamavam-se igualmente "partidos" as facções que dividiam as repúblicas antigas, os clãs que se agrupavam em torno de um condottiere na Itália da Renascença, os clubes onde se reuniam os deputados das assembleias

até 1850, com exceção dos Estados Unidos, nenhum país apresentava partidos modernos, ao passo que em 1950, a maioria já os possuía. O surgimento destes partidos está associado à expansão da democracia, sobretudo do sufrágio universal. Pode-se caracterizar como partido de tipo moderno àquele que apresenta "[...] filiados, estrutura burocrática própria, compromisso programático etc." (MATTOS, 2012, p. 149), é "organizado e estruturado em torno de uma doutrina política" (MEZZARROBA, 1994, p. 133).

Bogo elucida

O partido, aos poucos, foi ganhando forma não apenas no sentido de estruturação orgânica da sociedade, tendo a palavra o significado de "associação" da parte, com programa, princípios e métodos de ação, tendo em vista a tomada do poder e a administração da estrutura do Estado [...]. Ou seja, uma organização ligada à sociedade e, consequentemente, ao chegar ao governo, ligada ao Estado (BOGO, 2010, p. 12).

De acordo com Mezzaroba (1994), as principais linhas teóricas de compreensão do partido político são: a tradicional e a orgânica. A abordagem tradicional baseia-se em uma visão do partido político limitada à sua forma organizacional, cujo objetivo central seria o processo eleitoral, a disputa parlamentar. Trata-se de uma análise fechada do partido, compreendido como um fim em si mesmo e desprendido de uma base social, que se fundamenta numa concepção estrutural-elitista do partido político, ao considerar que os dirigentes agem por interesses próprios, individuais, ainda que sob a afirmação de representar interesses das massas, da coletividade. Dentro desta perspectiva encontram-se autores como Robert Michels (1912;1982), Maurice Duverger (1987), Giovanni Sartori (1982), Jean Charlot (1984), Paulo Bonavides (1974), dentre outros (MEZZARROBA, 1994).

Já a abordagem orgânica, mostra Mezzaroba (1994) compreende o partido político estabelecido na dinâmica da sociedade, das disputas que ocorrem na mesma entre diferentes segmentos sociais. Trata-se de uma análise aberta do partido, cuja estruturação é vista como uma extensão de uma organização anterior, da classe a que está vinculado. Nesta perspectiva, o partido possui uma orientação ideológica que expressa os interesses de sua base social, sendo visto não apenas pelo seu caráter instrumental, de atuar na representação parlamentar, mas como um espaço de disputa da direção da própria sociedade, portanto, de constituição da política no

revolucionárias, os comitês que preparavam as eleições censitárias das assembleias revolucionárias, bem como vastas organizações populares que enquadravam a opinião pública nas democracias modernas" (DUVERGER, 1970, p. 19).

sentido amplo, como um "[...] mediador orgânico capaz de atuar entre o político e o social" (idem, p. 143). Neste sentido possui um papel fundamental na formação da consciência política das massas. Acoplados A esta linha teórica estão Marx e Engels (1848), Lênin (1902), Rosa Luxemburgo (1906), Gramsci (1988), Cerroni (1982), dentre outros (MEZZARROBA, 1994).

Percebe-se que nesta abordagem, a natureza do partido é concebida como forma de organização que se caracteriza, dentre outros aspectos, pelo vínculo que possui com as classes e segmentos sociais e pela relação que estabelece entre estrutura e superestrutura e vice-versa, ou em termos gramscianos, entre a sociedade civil e a sociedade política.

Desde a publicação, em 1848, da obra *O Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Lênin, a organização política da classe trabalhadora tem sido um tema recorrente na literatura clássica e contemporânea marxista. De maneira geral, o partido político é enfatizado pelos teóricos marxistas para marcar o acúmulo ou salto organizativo da classe trabalhadora que marca a passagem de uma forma de organização da *classe em si* para a *classe para si* e suas formas correspondentes de consciência (IASI, 2011).

Sobre este aspecto, em uma famosa passagem de *Miséria da Filosofia* sobre as greves e as coalizões de operários, Marx discorre:

A grande indústria aglomera num mesmo local uma multidão de pessoas que não se conhecem. A concorrência divide os seus interesses. Mas a manutenção do salário, esse interesse comum que têm contra o seu patrão, os reúne num mesmo pensamento de resistência - coalizão. A coalizão, pois, tem sempre um duplo objetivo: fazer cessar entre elas a concorrência, para poder fazer a concorrência geral ao capitalista. Se o primeiro objetivo da resistência é apenas a manutenção do salário, à medida que os capitalistas, por seu turno, se reúnem em um mesmo pensamento de repressão, as coalizões, inicialmente isoladas, agrupam-se; e, em face do capital sempre reunido, a manutenção da associação torna-se para elas mais que a manutenção do salário. [...] Uma vez chegada a esse ponto, a associação adquire um caráter político (MARX, [1847] 2013, p. 214).

Do ponto de vista do desenvolvimento da organização dos trabalhadores, os mesmos só se tornam *classe para si*, quando ao perceberem através do contato com outros trabalhadores, que as condições de exploração a que estão submetidos não são individuais, inserem-se na luta coletiva da classe de que são parte, para romper com a lógica de dominação capitalista. Concomitantemente desenvolvem

assim uma consciência de classe. Neste sentido, que conforme Engels ([1847] 2010) "[...] essa concentração de grandes massas num mesmo local propicia ao proletariado a consciência da sua própria força" (idem, p.49).

A *classe para si* é então compreendida como uma forma de associação da classe trabalhadora consciente de que “os interesses que defende tornam-se interesses de classe” (MARX, 2013, p. 215). Trata-se de uma forma de organização, atuação e consciência para a luta que ultrapassa os interesses imediatos e corporativistas característicos da *classe em si*, e alcança um conteúdo político, voltado primordialmente para o alcance de seu projeto societário socialista, que requer uma luta unificada dos trabalhadores com o fim de realizar as rupturas e transformações radicais necessárias para suplantarem as instâncias que produzem e reproduzem as relações sociais de exploração/opressão inerentes ao modo de funcionamento do capitalismo. No nível imediato desta luta, a classe trabalhadora consciente de sua tarefa revolucionária empenha-se para que as conquistas das lutas sociais parciais se generalizem para toda a classe trabalhadora.

Este processo de organização e de consciência da classe não é estático, ao contrário, é marcado por várias tensões que ora levam a avanços e ora a recuos (IASI, 2011), exigindo dos trabalhadores um instrumento que vise à educação política permanente das massas. É neste sentido, que o Partido Político foi teorizado por autores clássicos e contemporâneos marxistas como uma forma/instrumento central para a luta revolucionária da classe trabalhadora.

Neste artigo, o foco está na abordagem orgânica sobre o partido político, uma vez que nosso objetivo é, a partir de uma revisão bibliográfica, recuperar em linhas gerais o papel do partido político para Lênin, a fim de traçarmos os pressupostos teóricos que influenciaram a prática político-ideológica de parte significativa dos movimentos socialista e comunista durante todo o século XIX até hoje. A justificativa sobre a escolha do teórico centra-se na sua relevância política e teórica para a esquerda mundial. Lênin participou intensamente do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), no interior do qual se firmou como liderança da tendência bolchevique que esteve à frente da Revolução Russa de Outubro de 1917, foi chefe do Estado revolucionário até 1924 e contribuiu centralmente para a

fundação, em 1919, da III Internacional, como ficou conhecida a Internacional Comunista, que criou os partidos comunistas (BRAZ, 2011).

2 O PARTIDO POLÍTICO DE VANGUARDA

Vladimir Ilyich Ulyanov, a partir de 1901, assumiu o pseudônimo Lenin, a fim de se resguardar das perseguições políticas sem se furtar da tarefa de refletir e propor ações no tocante às questões revolucionárias de seu tempo (BOGO, 2010). Conforme Braz (2011), Lenin renovou o debate teórico sobre a revolução e temas correlatos como o Estado e o papel do partido político na organização do proletariado.

Não consideramos exagero afirmar que Lenin foi o principal líder político e teórico marxista do século XX, já que segundo Braz (2015), “[...] Lenin foi o que mais influenciou as diversas gerações revolucionárias que dele fizeram as mais variadas interpretações: reafirmando-o, complementando-o ou contestando-o em alguns de seus aspectos” (p. 24). Suas elaborações sobre o partido político - tanto em relação ao conteúdo e à forma organizativa, quanto às funções, as estratégias e as táticas - alcançaram o movimento socialista mundial e tornaram-se um campo de referência teórico-prática ao ponto de constituir-se numa corrente própria dentro do marxismo, reconhecida como marxismo-leninista (BRAZ, 2011). Suas acepções sobre o partido serviram de inspirações inclusive para outras correntes que se formaram: “[...] a trotskista, a luxemburgueana³, a maoísta, a stalinista e, até mesmo, a eurocomunista, ainda que refutando-a [...]” (BRAZ, 2015, p. 24).

Na concepção leninista, o partido é um instrumento fundamental para a transição à sociedade comunista (BRAZ, 2015). É neste sentido que “[...] a necessidade de criação de uma organização revolucionária disciplinada, coesa e preparada politicamente para se assumir como a vanguarda do proletariado” é uma prerrogativa em Lênin (BRAZ, 2011, p. 74). O partido político é imprescindível para

³ “As ideias que Rosa Luxemburgo defendeu para a questão da organização política do proletariado se desenvolveram a partir das necessidades das lutas de classes na Alemanha; no entanto, a revolucionária travou intensa e fecunda polêmica com a experiência do partido bolchevique de Lenin. Boa parte de Greve de massas, partido e sindicato foi escrita tendo como base teórico-histórica o processo revolucionário russo” (BRAZ, 2015, p. 24. nota original do autor).

o avanço do movimento operário e por isso deveria reunir os melhores militantes do proletariado que seriam responsáveis por buscar ampliar os quadros partidários (BOGO, 2010).

Conforme o Bogo,

O partido, para Lenin, deveria ser de novo tipo, ou seja, ser de ação revolucionária, orientar e conduzir a luta de classes, reunir os revolucionários e organizá-los em torno de tarefas imediatas, visando o enfraquecimento da classe dominante para levar a classe trabalhadora ao poder (BOGO, 2010, p. 130).

No texto *Carta a um camarada*, Lênin definiu orientações sobre a construção e organização do partido, nas quais ficam claras as tarefas do dirigente ideológico e do dirigente prático, como denominou, respectivamente, o Órgão Central e o Comitê Central do partido, cujas diferenças na composição militante seriam apenas devido as tarefas a serem desempenhadas e não a hierarquias (BOGO, 2010). O primeiro, composto por militantes com elevada qualificação, teria que primar pelas elaborações teóricas, enquanto as funções especiais como imprensa, transporte, propaganda, dentre outras, ficariam a cargo do segundo, ao passo que as tarefas práticas deveriam se estender aos demais militantes (BOGO, 2010). “Assim, a organização deveria ser dirigida de forma centralizada por um grupo coeso e bem preparado, mas descentralizar a participação, envolvendo o máximo de grupos e círculos” (BOGO, 2010, p. 132).

Neste texto, Lenin ([1901] 2010), analisa o projeto de organização do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) em São Petersburgo. Em concordância com seu interlocutor, o teórico chama a atenção para a necessária educação revolucionária a ser realizada não só entre a base, mas também, entre a vanguarda intelectual devido, sobretudo, ao uso inapropriado e excessivo do princípio eleitoral que acabava por desvirtuar os operários da atividade revolucionária. Nesse sentido, o objetivo central deste texto seria apontar as principais tarefas de um partido revolucionário de uma forma geral, ainda que as análises do autor em grande medida tome como referência a Rússia.

Nota-se que para Lenin (2010), assim como para Marx e Engels ([1948] 2010), a organização partidária ultrapassa os limites de uma estrutura institucional voltada exclusivamente para as eleições. Tanto, que o Órgão Central (OC) ou “dirigente

ideológico do partido” deveria ser o jornal revolucionário, naquele contexto o Iskra, o qual seria responsável por elaborar as análises teóricas, as táticas, as diretrizes organizativas gerais, as tarefas partidárias, enfim, seria o grande propagandista do projeto revolucionário. Já o Comitê Central (CC), como “dirigente prático direto do movimento” teria que manter o contato pessoal com os comitês locais e recrutar as forças revolucionárias mais preparadas para executar atividades tidas como fundamentais: “a distribuição da literatura, a edição de panfletos, a distribuição das forças, a nomeação de pessoas e grupos para a direção de empreendimentos especiais, a preparação de manifestações de caráter nacional e também de insurreição em toda a Rússia etc” (LENIN, 2010, p. 138-9).

Para Lenin, esta forma organizativa era primordial para garantir a continuidade do movimento revolucionário frente ao cenário de perseguição russo. Por isso, a divisão entre dois centros dirigentes (OC e CC) era meramente funcional e o programa único do partido junto com a identificação entre os grupos dirigentes serviriam de base para construir a unidade de ação do partido.

Outro aspecto interessante a ser destacado é que a vanguarda não poderia estar descolada de sua base, ao contrário, seu papel de dirigente deveria ser reconhecido, de tal maneira que “a organização local estabelecesse como sua tarefa trabalhar ativamente para a construção, apoio e fortalecimento daqueles organismos centrais, sem os quais o nosso partido não poderia existir”, afirma Lenin (2010, p. 139).

Além disso, o partido teria que se configurar não só como representante dos operários, deveria ter em sua composição o maior número possível destes, por meio do que o autor denominou comitê local. O teórico justifica:

Para dirigir tudo aquilo que acontece no meio operário, é necessário estar em todas as partes, é necessário conhecer muita gente, todos os caminhos etc. Por essa razão, deverão estar no comitê todos os principais dirigentes do movimento operário oriundos da própria classe operária; o comitê deverá dirigir todos os aspectos do movimento local, chefiar todos os organismos, todas as forças e todos os meios locais do partido (LENIN, 2010, p. 140).

O comitê teria a função de construir outras instâncias para sua atuação. Estas seções filiais ou grupos distritais teriam como tarefa “organizar também os diversos grupos que servem ao movimento” (LENIN, 2010, p. 145), dentre os quais chamamos a atenção para os grupos de estudantes e de secundaristas. De forma

resumida mas, bem esclarecedora, Lenin expõe como do seu ponto de vista deveria ser estruturada a organização política da classe trabalhadora. Afirma o autor:

[...] na cabeça de todo o movimento local, de todo o trabalho social-democrata se encontrará o comitê. Dele partirão os seus organismos subordinados e as seções filiadas sob a forma de, em primeiro lugar, uma rede de agentes executivos que abarcará (na medida do possível) toda a massa operária e organizada sob a forma de grupos distritais e subcomitês de fábrica. [...] Em segundo lugar, sairá do próprio comitê uma série de círculos e de grupos que sirvam para assegurar os diversos aspectos do movimento (propaganda, transportes, as mais variadas atividades clandestinas etc). Todos os grupos, círculos, subcomitês etc. deverão ser organismos ou sessões filiais do comitê (LENIN, 2010, p. 150).

Estaria assegurada a todos os membros dos círculos e dos comitês, igualdade de direitos em relação aos assuntos internos. Mas, devido à situação de clandestinidade, o contato com o OC e o CC seria por meio de declarações escritas resguardado o contato pessoal apenas aos mais próximos dos dirigentes centrais.

A organização partidária na visão leninista apresentava uma dupla exigência, ao mesmo tempo em que requeria centralização em relação à direção necessitava da descentralização no tocante à participação. Nos termos do autor isso significa que

o movimento deve ser dirigido por um pequeno número de grupos, os mais homogêneos possíveis, e de revolucionários profissionais respaldados pela experiência. Mas no movimento deverá participar o maior número de grupos, os mais diversos e heterogêneos possíveis, recrutados nas mais diferentes camadas do proletariado (e de outras classes do povo) (LENIN, 2010, p 154).

Para o autor, a relação a ser construída por um partido de novo tipo, ou seja, revolucionário, deveria ser de proximidade entre a direção do partido e suas bases, esta relação seria a chave para a constituição da unidade de classe prática necessária para a atuação revolucionária.

Dentre as várias obras de Lenin, “*Que fazer?*” (publicada em 1902) é, para Braz (2011), a que destacadamente mais contribui para entender a concepção de partido na visão leninista. Na trilha deste autor, a compreensão leninista sobre o partido neste texto é de uma organização política, cuja estrutura permitisse desempenhar o papel de vanguarda do processo revolucionário e a centralizar as ações políticas voltadas à revolução socialista.

Conforme Braz (2011), a distinção entre o partido e as organizações operárias do tipo sindical, para usar uma nomenclatura mais atual, estaria na natureza das lutas

desempenhadas pelos mesmos. Enquanto as organizações operárias teriam o foco político limitado aos seus interesses particulares e imediatos de luta, o partido teria o papel de explicitar o caráter classista destas lutas cotidianas e desta forma vinculá-las à luta política, revolucionária.

A obra aborda ainda a mediação desempenhada pelo partido na relação entre a espontaneidade das massas e a consciência de classe (BRAZ, 2011). Segundo o autor,

Para Lênin, a classe operária não reúne, em si, as condições para superar a consciência de classe determinada pelas necessidades permanentes das lutas econômicas [...]. A tarefa do partido de vanguarda é exatamente atuar sobre a realidade operária de modo a explicar a todo tempo, a natureza intrinsecamente exploradora e desigual da ordem burguesa, preparando politicamente o conjunto do proletariado para o momento dos embates decisivos que podem emergir tanto por meio das agitações políticas provocadas pelo partido quanto irromper espontaneamente do seio das contradições de classes engendradas na cotidianidade capitalista (BRAZ, 2011, p. 82-3).

Por isso, a natureza vanguardista do partido em Lenin não pode ser no sentido de uma organização desvinculada das lutas diárias dos trabalhadores, ao contrário só pode ter funcionalidade diretiva se estiver envolvida nas lutas proletárias (BRAZ, 2011). Para Braz (2015) as concepções de vanguarda e de centralização política presentes na obra de Lênin, bem como os debates sobre o espontaneísmo devem ser compreendidos considerando-se o contexto histórico da Rússia.

O próprio Lenin (1978)⁴ em uma publicação referente à obra *Que fazer?* chama a atenção para este fator. O teórico afirma que sua obra foi escrita diante de determinadas condições históricas, num período de desenvolvimento do próprio partido, período este que para ele já estava no passado. A obra tinha o intuito de se contrapor principalmente ao “economicismo” e considera-la isolada deste objetivo seria um erro, conforme o próprio autor. O “economicismo” era uma corrente que começava a despontar no interior do movimento social-democrata e das correntes literárias de esquerda, entendia “que qualquer conflito entre classes já se constituía numa luta política” (LENIN, 1978, p. 46), ao mesmo tempo não reconhecia a luta política.

⁴ A coletânea organizada pela editora Kairós de 1978 resgata uma série de textos de Lênin. Neste trecho em específico a menção é em relação ao *Extrato do prefácio do compêndio “doze anos” de 1907*, que resgata a parte referente ao livro *Que fazer?* Entretanto como nosso objeto é reter aspectos gerais em relação ao pensamento do autor julgamos nem sempre ser preciso referenciar individualmente os excertos que constam na coletânea, quando considerarmos relevante o faremos em nota.

Para Lenin (1978), a revolução só poderia surgir de uma situação revolucionária - que para ele tinha o sentido da conjugação de três condições objetivas: crise política, crise social e ações massivas - se esta fosse acompanhada da condição subjetiva da classe revolucionária que deveria estar apta a conduzir as ações revolucionárias no sentido de destruir o poder dominante. E para isso, o proletariado deve estar preparado e contar com uma organização partidária extremamente estruturada para este fim.

Uma das primeiras questões que nos deparamos na obra *Que fazer?* é a preocupação de Lênin ([1902] 2015) em combater as ideias economicistas que começaram a ganhar eco na Rússia, posto que acompanhavam em larga medida as práticas de muitas organizações dos trabalhadores e eram defendidas por meio de diferentes jornais de cunho político. O autor por este motivo busca diferenciar a política economicista presente nas organizações do tipo sindical e a política “social-democrata” que deveria ser propagada por organizações ditas revolucionárias.

A publicação foi uma forma encontrada por Lenin (2015) para responder criticamente aos ideólogos da tendência economicista que enaltecia o elemento espontâneo do movimento e com isso tendia ao revisionismo reformista. Por isso, o teórico é enfático em considerar que “só um partido orientado por uma teoria de vanguarda pode desempenhar o papel de combatente de vanguarda” (LENIN, 2015, p. 72).

O que o autor pretende destacar é a importância do elemento consciente e da ideologia⁵ socialista para o avanço da luta do movimento em uma luta política que ultrapassasse os limites da luta meramente econômica, de tipo sindical, no qual a política apontava como “aspiração comum a todos os operários de obter do Estado estas ou aquelas medidas cujos fins consistem em remediar os males próprios da sua situação, mas que ainda não suprimem essa situação, ou seja, não suprimem a submissão do trabalho ao capital” (LENIN, 2015, p. 94).

Em nenhum momento Lenin menospreza o movimento de massas, ao contrário, tem convicção de sua importância, entretanto, considerava imperioso romper com a

⁵ Ideologia é um daqueles termos polissêmicos e mesmo na tradição marxista, a concepção da ideologia pode variar desde uma acepção negativa enfatizada por Marx a uma acepção também positiva, tal como assumem influentes teóricos, por exemplo, Lênin, Lukács e Gramsci. Lênin considerou ideologias reacionárias e ideologias progressistas, bem como, observou a contraposição fundamental entre ideologia proletária e ideologia burguesa, no capitalismo (KONDER, 2002).

visão de que os social-democratas devessem acompanhar o nível de consciência que este apresentasse. Para o autor,

[...] o erro fundamental da “nova tendência” no seio da social-democracia russa consiste em render culto à espontaneidade, em não compreender que a espontaneidade das massas exige de nós, social-democratas, elevada consciência. Quanto mais poderoso é o ascenso espontâneo das massas, quanto maior é a rapidez com que aumenta a necessidade de uma elevada consciência, tanto no trabalho teórico da social-democracia quanto no político e no de organização (LENIN, 2015, p. 105).

O teórico entendia que o papel central do partido da social-democracia era “o trabalho de educação política da classe operária, de desenvolvimento da sua consciência política” (LENIN, 2015, p. 110), as outras tarefas voltadas a organização das lutas por melhores salários e condições de trabalho não deveriam ocupar todo o tempo da militância mais consciente.

A educação política para Lenin deveria ultrapassar os limites das fábricas e dos interesses dos operários; demonstrar os antagonismos da opressão política era mais do que explicar o antagonismo entre capital e trabalho apoiando-se apenas na relação antagônica entre operários e capitalistas, era preciso escancarar as manifestações concretas que decorriam desta opressão econômica e apresentam-se também nos diferentes aspectos da vida: pessoal, familiar, cívica, científica, religiosa, dentre outras.

Uma das passagens mais esclarecedoras nesta obra sobre a visão do autor acerca das lutas econômicas (pelas reformas), e a luta política (revolucionária) retrata:

A social-democracia revolucionária sempre inclui e continua a incluir na órbita de suas atividades a luta pelas reformas. Mas usa a agitação “econômica” não só para exigir do governo todo tipo de medidas, como também (e em primeiro lugar) para exigir que ele deixe de ser um governo autocrático. Ademais, considera seu dever apresentar ao governo essa exigência não só no terreno da luta econômica, mas também no terreno de todas as manifestações da vida política e social. Numa palavra, como parte de um todo, subordina a luta pelas reformas à luta revolucionária pela liberdade e pelo socialismo (LENIN, 2015, p. 117).

Mais adiante, Lenin aborda a importância da preparação teórico-política e organizativa dos partidários revolucionários em buscar articulação com as diversas classes e setores sociais com vistas a realizar a agitação política em prol do projeto revolucionário. Para o teórico era fundamental que os social-democratas tivessem consciência desta tarefa, sobre a qual afirma:

[...] nossa tarefa consiste em utilizar todas as manifestações de descontentamento, de todo tipo, em articular e elaborar todas as formas de protesto, por embrionário que sejam. Sem contar que a massa de milhões de camponeses, trabalhadores, pequenos produtores, artesãos etc., escutará sempre avidamente a propaganda de um social-democrata minimamente hábil (LENIN, 2015, p. 144).

Para o teórico, era função do partido de vanguarda, organizar denúncias contra o governo capazes de atrair inclusive aqueles setores que não faziam parte da classe operária, mas que assim como esta estavam descontentes. Exclama: “para ser vanguarda é preciso, justamente, atrair outras classes” (LENIN, 2015, p. 146).

Considerar o partido de vanguarda na visão leninista tem o sentido de pensar a importância de um núcleo duro de “revolucionários profissionais” ou “intelectuais”, formado por pessoas preparadas no nível teórico e prático que assumissem como profissão a atividade revolucionária, posto que a preocupação central era formar uma organização estável de dirigentes capaz de trabalhar para tentar assegurar a continuidade do movimento revolucionário e para elevação da prática e da consciência dos operários. Lenin é categórico: “Quanto a nós, partido de luta contra *toda* opressão econômica, política, social, nacional, podemos e devemos encontrar, reunir, formar, mobilizar e pôr em marcha esse exército de homens oniscientes” (2015, p. 212, grifo original).

A questão do partido de vanguarda em Lenin não se trata de uma idealização da forma partido político, mas uma necessidade histórica que se apresentou à organização da classe trabalhadora na luta de classes com vistas à revolução socialista. Essa ideia fica mais nítida na obra *Esquerdismo: doença infantil do comunismo*, na qual Lenin considera

[...] que as classes são, geralmente e na maioria dos casos (pelo menos nos países civilizados modernos), dirigidas por partidos políticos; que os partidos políticos são dirigidos, via de regra, por grupos mais ou menos estáveis, compostos pelas pessoas com maior autoridade, mais influentes ou experimentadas, eleitas para cargos de maior responsabilidade e denominadas chefes. Tudo isso é ABC, tudo isso é simples e claro (LENIN, [1920] 2014, p. 73-4).

Esta última obra escrita pelo teórico em 1920, aborda de forma magistral o papel do partido revolucionário a partir de diferentes questões como: democracia burguesa, efetivação da soberania popular, ditadura do proletariado, oportunismo da tendência reformista, infantilidade de correntes mais esquerdistas, atuação parlamentar, cooptação política, dentre outras.

Segundo Ronaldo Coutinho (2014), no que se refere à temática vanguardista do partido, a obra esclarece que “A questão da disciplina revolucionária não se reduz, em hipótese alguma, na ótica de Lenin, ao âmbito interno do partido, mas na própria relação do partido com as grandes massas” (idem, p. 31).

Inclusive a relação do partido com as massas é o tema central desta obra, por isso, conforme o autor, Lenin propõe-se combater as tendências esquerdistas que pretendiam criar novas organizações sindicais a fim de romper com os sindicatos e associações trabalhistas que estavam impregnados com as tendências reformistas. O que na análise leninista consistia um erro no mínimo infantil (COUTINHO, 2014).

Para Lenin (2014), um dos pontos mais problemáticos do esquerdismo era a negação da necessidade do partido e da disciplina partidária para a organização do proletariado e das massas, pois reportava à dispersão, o que era prejudicial para a luta revolucionária, pois “[...] sem um partido capaz de captar o estado de espírito das massas e influir nele é impossível levar essa luta a cabo com êxito” (LENIN, 2014, p. 78).

Na contramão das análises dos esquerdistas, o teórico considera que a inserção dos comunistas nos sindicatos operários e a aplicação das diretrizes do partido era um meio pelo qual o partido poderia manter vínculo com a classe e as massas e exercer a ditadura do proletariado. Nesta trilha, Lenin compreende que a vanguarda teria o papel fundamental de “[...] instruir, ilustrar, educar, atrair, para uma vida nova as camadas e as massas mais atrasadas da classe operária e do campesinato” (LENIN, 2014, p. 86) e que por isso “[...] a tarefa dos comunistas consiste em saber convencer os elementos atrasados, saber atuar entre eles, e não isolar-se deles [...]” (LENIN, 2014, p. 91). Em outros termos, manter relação com as organizações da classe e atuar conforme o direcionamento do partido.

Outro equívoco dos “esquerdistas”, alvo da crítica de Lenin, é a ideia de esgotamento da via parlamentar como espaço de atuação dos partidos revolucionários. O teórico é enfático: “Enquanto não tendes força para dissolver o parlamento burguês e qualquer outra organização reacionária, vossa obrigação é atuar no seio dessas instituições [...]” (LENIN, 2014, p. 96). Por outro lado, é necessário compreender que esta ação parlamentar só tinha sentido se combinada

à agitação e a propaganda da proposta revolucionária (COUTINHO, 2014). Sobre este aspecto, tomamos emprestada a ressalva do comentarista:

Todavia, é muito importante sublinhar que a necessidade de atuação parlamentar enfatizada por Lenin não pode ser entendida, em qualquer hipótese, como uma forma de estabelecer acordos ou alianças políticas com segmentos burgueses para a construção reformista da democracia em seu molde burguês. Para Lênin a participação nos sindicatos reacionários e no parlamento burguês constituem formas de luta *cujas validades é fundamentalmente assentada na estreita vinculação a uma estratégia revolucionária de tomada do poder* (COUTINHO, 2014, p. 35, grifos original).

Por isso, conforme o autor, é fundamental entender que Lenin faz distinção entre uma proposta de colaboração de classes e a necessidade de realizar acordos conjunturais com outras classes sociais. Sobre este aspecto da visão leninista, o autor afirma:

[...] deve-se fazer distinção entre o compromisso que representa capitulação, diante da hegemonia do adversário, renúncia à própria autonomia política, ao próprio objetivo *estratégico* e de *princípios* e o compromisso indispensável em decorrência da correlação de forças, da necessidade de acordos para conseguir preservar posições e meios para avançar e enfrentar o principal inimigo (na verdade, o *inimigo da classe*) (COUTINHO, 2014, p. 38, grifos original).

A atuação do partido proletariado na via parlamentar em Lenin (2014) tem um caráter pedagógico, de denunciar o aspecto estritamente formal do parlamentarismo burguês. Segundo o teórico, as experiências revolucionárias atestam que em tempos de revolução é preciso combinar as ações massivas fora do parlamento com a atuação dos políticos favoráveis à revolução dentro do parlamento. Para Lenin o partido revolucionário deveria preparar seus militantes para estarem aptos a usar mecanismos ilegais e formas legais de luta, que serviriam ao fim de propagandear juntos às massas os interesses do Partido Comunista, qual seja, a revolução socialista.

Lenin conclui:

É necessário que o Partido Comunista lance suas palavras de ordem; que os verdadeiros proletários, com a ajuda da gente pobre, inorganizada e completamente oprimida, repartam entre si e distribuam panfletos, percorram as casas dos operários, as palhoças dos proletários e dos camponeses que vivem em aldeias longínquas [...], entrem nas tabernas frequentadas pelas pessoas mais simples, introduzam-se nas associações, sociedades e reuniões eventuais das pessoas pobres (LENIN, 2014, p. 147).

Portanto, o partido revolucionário para Lenin deve alcançar um alto nível de organização, tanto no que diz respeito ao seu conteúdo de classe quanto à forma assumida.

3 CONCLUSÃO

Lenin entrou para a história do marxismo e do movimento socialista mundial porque conseguiu aplicar com maestria o método materialista histórico dialético para entender os problemas candentes que o movimento socialista enfrentava no seu tempo histórico, não apenas para interpretar o mundo como diria Marx, mas com a finalidade de formular junto com seus camaradas táticas e estratégias que permitissem o avanço da luta revolucionária.

O partido político para Marx e Engels (2010) não é um conceito fechado, ao contrário, é uma construção histórica relacionada ao desenvolvimento da luta de classes. Quanto à forma institucional assumida, o papel do partido pode variar conforme as especificidades conjunturais do contexto histórico e de cada localidade no qual está inserido. Quanto à natureza organizativa, o partido é expressão da própria organização das classes sociais, neste sentido, representa interesses da classe ou segmentos de classe aos quais esteja vinculado. Do ponto de vista dos trabalhadores, o partido político aparece relacionado ao avanço da organização da classe trabalhadora e da consciência revolucionária.

Conforme Mattos “o sentido de partido é sinônimo, no Manifesto, de uma atuação política consciente da classe, na defesa dos seus interesses e não de uma organização estruturada” (2012, p. 148). Apoiado em Coutinho (1998), Braz também afirma que nesta obra não há uma definição do partido, mas uma noção mais abrangente, em que “o partido é entendido como o mais amplo instrumento de ação política do proletariado” (BRAZ, 2011, p. 30)..

É possível inferir que o partido na formulação marx-engelsiana “apresenta traços de um partido de massas e de quadros com a vanguarda da classe operária” (BRAZ, 2011, p. 36). A luta contra a propriedade privada, o apoio a movimentos democráticos e progressistas que choquem com o capitalismo, a procura incansável

de unidade entre as forças sociais democráticas, a defesa do internacionalismo e a construção de organizações políticas públicas são objetivos e princípios presentes no *Manifesto* que, segundo o autor, devem basilar qualquer organização do proletariado que anseie a emancipação da classe.

É possível notar em Marx e Engels (2010) dois sentidos atribuídos ao partido: a) aludindo ao conteúdo de classe presente na organização dos trabalhadores conscientes de sua tarefa histórica na transformação social; como um tomar parte na luta de classes; b) referindo-se a uma forma de associação política da classe trabalhadora, estruturada e organizada conforme as regras de cada país, para propagandear os interesses da classe e disputar junto aos governos burgueses legislações em prol dos trabalhadores.

Em termos conceituais prevalece no *Manifesto* o sentido do Partido Comunista como uma organização da classe trabalhadora consciente do seu papel revolucionário na transformação da sociedade capitalista (BOGO, 2010; MATTOS, 2012). Esta organização teria o papel de facilitar o intercâmbio dos trabalhadores do mundo todo para discutir problemas comuns e pensar estratégias coletivas para a luta revolucionária, em outras palavras, possibilitar a unidade da classe.

Fica claro, portanto, que Lenin conseguiu apreender o legado de Marx e Engels sobre o partido revolucionário e prosseguir com as formulações a respeito da organização política da classe trabalhadora. O partido político de vanguarda, entendido como um partido de quadros com significativa capilaridade junto às massas, é um legado universal deixado por Lenin, entretanto, a forma de construção dessa organização, as estratégias e táticas usadas devem ser analisadas levando em conta o contexto histórico e as particularidades da Rússia. Este exercício é fundamental para romper com o movimento pendular entre duas tendências: de cristalização/sacralização e de descarte das formulações do autor.

O partido político revolucionário conforme Lênin é uma necessidade histórica e não uma forma idealizada de organização. Nesse sentido, em linhas gerais, os pressupostos teóricos leninistas essenciais para pensar o partido de vanguarda estão em considerá-lo uma organização revolucionária centralizada, coesa, extremamente disciplinada, com capacidade de atuação política e de produzir formulações teóricas, inserida nas lutas sociais dos trabalhadores e focada no

processo de educação política permanente dos mesmos, direcionada a alcançar e envolver o máximo de trabalhadores possível na luta revolucionária. O núcleo duro do partido, a vanguarda intelectual, deve ser capaz de produzir elaborações teóricas e atuar em diferentes frentes importantes para a manutenção da organização mesmo em um contexto de perseguição e os demais militantes devem ser preparados para realizar as tarefas práticas do partido. Um tipo de agremiação cujo conteúdo ultrapassa os limites de uma estrutura institucional dentro da ordem, utilizando-se de sua forma neste espaço apenas com o intuito de denunciar o caráter mistificador da participação na democracia burguesa.

REFERÊNCIAS

- BOGO, Ademar (Org.). **Teoria da organização política**: escritos de Engels, Marx, Lênin, Rosa, Mao. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. v I.
- DUVERGER, Maurice. **Os partidos políticos**. 2. ed. Brasília: Zahar Editora Universidade de Brasília, 1970.
- MATTOS, Marcelo Badaró. Sobre os partidos políticos no Brasil de hoje: um enfoque a partir da classe trabalhadora e seus movimentos. In: BRAVO, Maria Inês Souza; MENEZES, Juliana Souza Bravo de (Orgs.). **Saúde, serviço social, movimentos sociais e conselhos**: desafios atuais. São Paulo: Cortez, 2012. p. 146-165.
- MEZZAROBA, Orides. O partido político: concepção tradicional e orgânica. **Revista de informação legislativa**, Brasília, v. 31, n. 122, p. 133-143, abr./jun. 1994. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/176215/000487569.pdf?sequenc e=1>. Acesso em: 25 out. 2017.
- IASI, Mauro Luis. Reflexão sobre o processo da consciência. In: _____. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. p. 11-45.
- ENGELS, Friedrich. Princípios do comunismo. BOGO, Ademar (Org.). **Teoria da organização política**: escritos de Engels, Marx, Lênin, Rosa, Mao. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010a, p. 41-65. v. I.
- MARX, KARL. Miséria da filosofia. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **A dialética do trabalho**: escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2013b. (Volume II).
- _____.; ENGELS, Friedrich, Manifesto do Partido Comunista. In: BOGO, Ademar (Org.). **Teoria da organização política**: escritos de Engels, Marx, Lênin, Rosa, Mao. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 83-125. v. I.
- BRAZ, Marcelo. **Partido e revolução: 1848-1989**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____. Apresentação. In: LENIN, Vladimir Ilich. **Que fazer? problemas candentes de nosso movimento**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

LENIN, Vladimir Ilyich Ulyanov. Lenin. In: _____. et al. **A questão do partido**. São Paulo: Kairós, 1978. p. 34-61. parte II.

_____. Carta a um camarada. In: BOGO, Ademar (Org). **Teoria da organização política**: escritos de Engels, Marx, Lênin, Rosa, Mao. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 137-229. v. I.

_____. **O Esquerdismo**: doença infantil do comunismo. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

_____. **Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

COUTINHO, Ronaldo. Lenin: a dimensão teórica e prática do compromisso revolucionário. In: LENIN, Vladimir Ilich. **O esquerdismo**: doença infantil do comunismo. São Paulo: Expressão Popular, 2014. p. 9-40.